

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

LAU BALDO/@30EBR/@BMAISCA/DIVULGAÇÃO/JC



Joana Luna Camargo
joanac@jcrs.com.br

“Tudo que foi apresentado esta noite foi feito por seres humanos, e isso é inegociável.” A frase de Emycida, logo antes do bis do show do último sábado, no Araújo Vianna, é uma indireta difícil de ignorar num momento em que a Inteligência Artificial e o futuro do trabalho criativo dominam debates no mundo inteiro. E vem justamente de alguém que, além de assinar a direção musical da noite, já escreveu livros, é MC, rapper, compositor e produtor musical, executivo e cultural.

A *Emycida Racional MCMV Tour* parte de uma premissa simples: fazer rep com E, de Ritmo E Poesia, significado inicial da sigla em inglês. O espetáculo é dividido em seis atos, alguns introduzidos por monólogos em vídeo de personagens que trazem dramas cotidianos de pessoas periféricas, como um entregador de aplicativo preso na lógica dos algoritmos e uma mãe solo tentando equilibrar trabalho e filhos; figuras cuja existência o Brasil oficial costuma ignorar. Os vídeos funcionam como câmaras de descompressão entre os blocos musicais, mas a experiência visual vai além, com telões que brincam com palavras e animações, criando camadas de sentido que reforçam o que está sendo

cantado e puxam o público para dentro do palco. Ao lado de Emycida e do DJ Nyack, a banda é formada pela baixista e guitarrista Érica Silva, pelo baterista Maurilio Santiago e pelo tecladista Oscar Junior – um time que sustenta com fôlego as três horas de *setlist*.

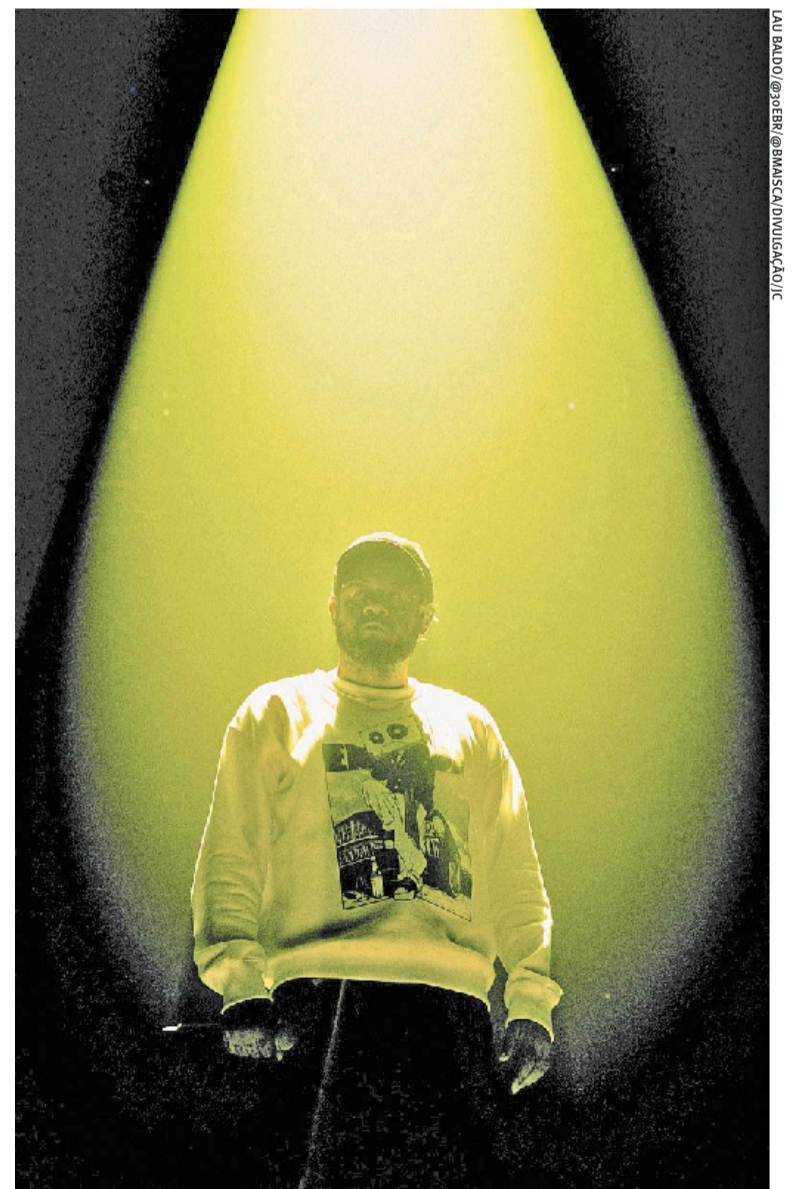
O repertório percorre diferentes gêneros e influências, como jazz, samba, funk, soul e rap em músicas como *São Pixinguinha*, *Amarelo* e *Ismália*. Nesta salada de referências, os Racionais deixam de ser homenagem para virar método: “começo, meio e começo”, disse Emycida em seu monólogo, e a frase resumiu bem a lógica circular da noite, que trouxe *samples* dos Racionais misturados com as letras do Emycida, como em *Papel*, *Caneta e Coração (Vida Loka, pt. 1)* e *A coisa mais esperançosa e mais dilacerante (Homem na Estrada)*.

A plateia demorou um pouco para esquentar na noite fria que fez em Porto Alegre na sexta-feira: as primeiras músicas encontraram um público mais contido, que se acendeu aos poucos, até responder com o volume que o show pedia. Em *A Ordem Natural das Coisas*, Emycida desceu do palco para cumprimentar os fãs emocionados na grade. Antes do bis, dividiu a plateia entre palmas e coro com uma exigência quase pedagógica, e quando a execução saiu perfeita,

comentou com bom humor: “Num show na Dinamarca, não tinham ritmo pra tocar as palmas”, atribuindo a regência musical brasileira às raízes africanas.

No monólogo final, Emycida tomou o microfone sem música, falando diretamente ao público sobre negritude e resistência. Quando disse “a onda é preta, salve-se quem puder” e tocou na questão da indenização histórica, alguém na plateia gritou “professor”. No intervalo entre o peso político e o afeto popular, houve uma homenagem a Hikaru Kurosaki, ator japonês da série *Jaspion* que morreu dois dias antes do show: a música tema da série foi cantada com a energia de quem nunca deixou de ser fã.

O DJ Nyack, que abriu a noite e conduziu as picapes, carrega uma história com a capital gaúcha: a primeira vinda à cidade, ao lado de Emycida, foi também sua primeira vez num avião. O rapper lembrou da ocasião dizendo que o sonho dos dois era um dia encher o Opinião. O encerramento veio com as rappers porto-alegrenses Cristal e Neguinha e o rapper Wag, da Batalha da Escadaria, que junto com Emycida entregaram um improviso. Fechamento lógico para quem não esquece que foi nas batalhas de *freestyle* de São Paulo, no começo dos anos 2000, que Leandro Roque de Oliveira virou Emycida.



Rapper promoveu espetáculo extenso e cheio de mensagens na Capital

LAU BALDO/@30EBR/@BMAISCA/DIVULGAÇÃO/JC